



Karatê – do Seigokan em Macau

UMA LONGA
HISTÓRIA

Os «kids» do Karatê

Imagine-se uma equipa japonesa de *baseball* a conquistar um campeonato mundial, derrotando os Estados Unidos, país onde nasceu a modalidade e que tem o maior número de praticantes deste desporto. No caso da Associação de Karatê-do Seigokan de Macau, a realidade é exactamente essa.

Com uma população que ronda o meio milhão de habitantes – quase igualada pelo número de praticantes de Karatê-do Seigokan apenas no Japão – há sete anos consecutivos que a selecção local conquista



DESTAQUE

«**M**uito treino, disciplina e vontade de vencer» é a receita básica para se alcançar estes resultados, diz José Achiam, instrutor da equipa de Macau e o principal impulsionador da fundação da Associação de Macau de Karatê-do Seigokan.

Os primeiros treinos começaram em Setembro de 1967, com um grupo de 18 atletas, no Ginásio do Seminário de S. José. Três meses depois, o seu número estava reduzido a sete praticantes. No entanto, graças à persistência deste grupo e à dedicação de José Achiam e Arnaldo de Sousa, o Seigokan acabou por se implantar em Macau.

«Eram os tempos em que gastávamos duas horas a vir de Hong Kong, onde tínhamos a nossa vida profissional, para dar aulas aos atletas de Macau» – recorda Arnaldo de Sousa, companheiro de José Achiam, com quem deu também os primeiros passos no Seigokan, em Hong Kong – «Quando o Achiam não podia vir, vinha eu.»

Desde então, cerca de quatro mil alunos passaram pelas mãos dos mestres da Associação de Seigokan de Macau – «sem contar com os praticantes de cinto branco, apenas com os que chegaram, no mínimo, ao cinto verde», frisa José Achiam. Cinturões negros, são cerca de quatro dezenas.

Muitos dos mais qualificados «karatekas» de Macau acabaram por emigrar, levando consigo o gosto pela prática da modalidade. No Brasil, os irmãos Novo – Jacinto e Mário – criaram nove academias de Seigokan, na cidade do Rio de Janeiro.

«Um dia, apareceu-me aqui em Macau um brasileiro, que eu não conhecia de lado nenhum, a chamar-me avô» – recorda José Achiam – «Eu tinha sido mestre do instrutor dele, de forma que era, para ele, o avô-mestre».

Em S. Francisco, nos Estados Unidos, funciona uma academia, dirigida por Francisco Conceição. Na Austrália, César Pereira, que faz parte do núcleo inicial de



gokan, que depois passou a ser dirigida por um dos seus alunos australianos.

A primeira participação dos «karatekas» macaenses em competições mundiais aconteceu em 1977. Embora tivessem havido convites anteriores para a disputa do campeonato mundial, só nesse ano houve disponibilidade financeira, através do apoio fornecido pelo Governo do território, para fazer deslocar uma selecção ao Japão. Antes desta participação, disputaram-se alguns torneios com Hong Kong, sempre com o mesmo resultado: vitória absoluta de Macau.

Para além do campeonato mundial de Seigokan, a equipa de Macau participou também nos mundiais de Karatê, em 1977, abertos a todos os estilos. Foi uma estreia dupla, que se saldou por um quarto lugar no Mundial de Seigokan. Quando aos mundiais de Karatê/Open, a selecção do território foi eliminada nos quarto-de-final.

«Naquele tempo, o campeonato disputava-se num só dia» – lembra Daniel Ferreira, um dos sete elementos dessa primeira equipa – «Começávamos a lutar às sete da manhã e acabávamos às oito da noite. Não havia ainda categorias, por pe-

sos, de forma que era frequente que atletas com 60 ou 70 quilos apanhassem pela frente adversários com 90, 100 quilos e que, para além do peso, tinham boa técnica».

Actualmente, os mundiais de Karatê/Open (todos os estilos) já dividem os atletas consoante o peso. No entanto, o campeonato mundial de Seigokan mantém apenas categorias por idades, semelhantes às classes de iniciados, juvenis, juniores e seniores.

Uma desvantagem que a equipa de Macau tem enfrentado, nos campeonatos



Em 1970, disputou-se o primeiro torneio triangular Macau/Hong Kong/Kowloon, com uma vitória indiscutível da selecção local, integrada por Daniel Ferreira, Bernardo Sousa, Manuel Costa, Virgílio

DESTAQUE

que até agora disputou, relaciona-se com o número de participantes que integram a selecção. Outros países com maiores disponibilidades financeiras, têm equipas «especializadas», com mais de meia centena de elementos. Nos diversos tipos de competição e categorias – o «kata», exibição individual de um conjunto determinado de movimentos e o combate («kumité») – os atletas dessas equipas, regra geral, apenas participam numa modalidade.

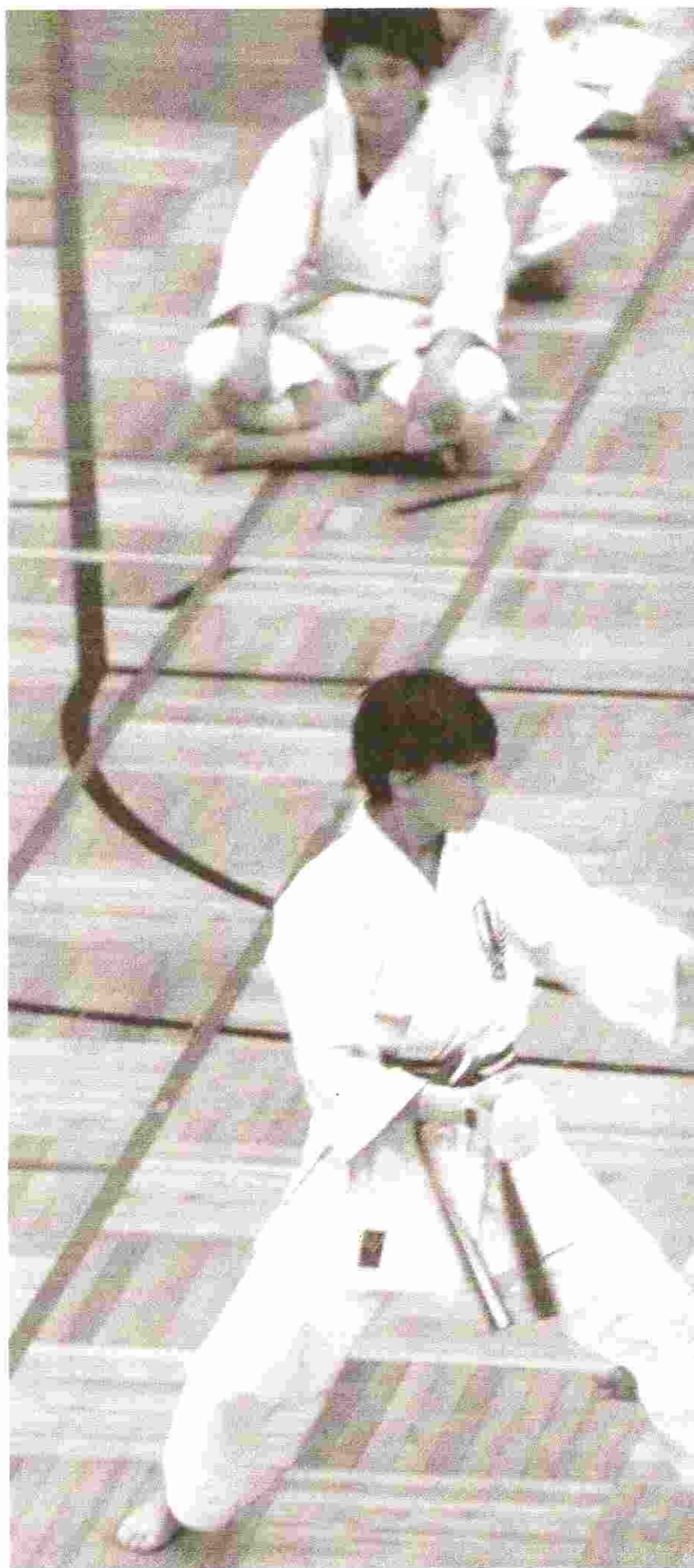
Os atletas do Território são um pouco «pau para toda a obra». «Temos miúdos que participaram em quatro tipos de competição, neste últimos mundial. Às vezes safam de um combate e dez minutos depois estavam novamente no “dojo”» – diz Amaldo de Sousa.

Seigokan: uma filosofia de auto-defesa

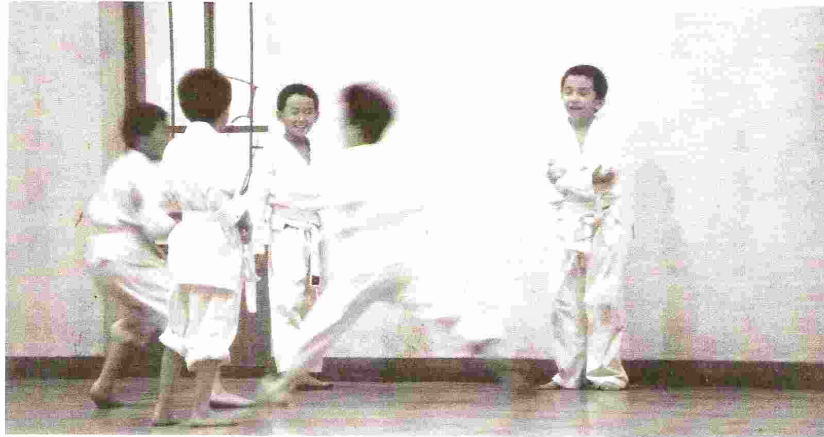
Popularizado, nas últimas décadas, sobretudo através do cinema, o Karaté adquiriu uma imagem de violência e agressividade gratuita que é o oposto da realidade.

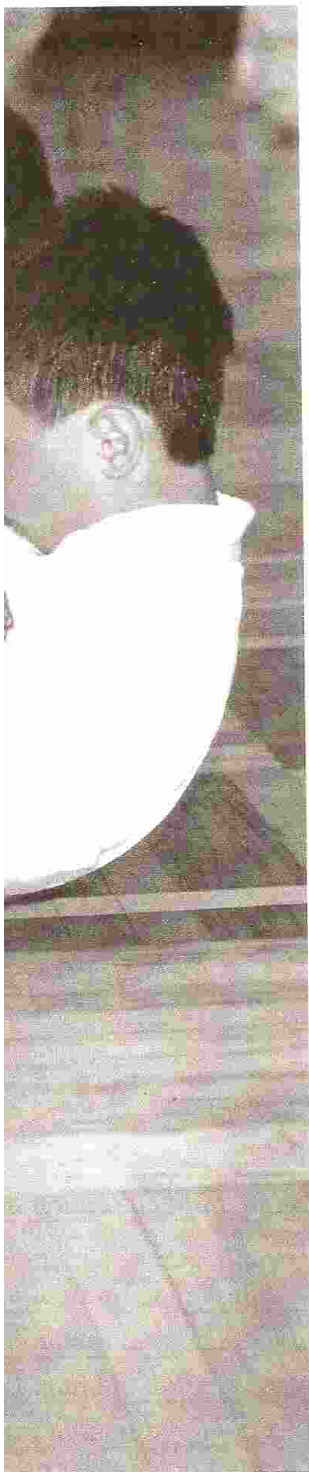
«Os atletas de Seigokan aprendem, acima de tudo, a ser disciplinados, através de uma prática física que lhes dá autoconfiança. Quem tem confiança em si próprio não precisa de ser agressivo» – salienta o treinador da selecção de Macau – «Os meus alunos nunca tiveram problemas por serem arruaceiros ou por provocarem conflitos».

As características específicas do Seigokan, entre os vários estilos de Karaté – num total de 37 – têm as suas raízes num dos dois estilos básicos das artes marciais chinesas, que estão na sua origem. A envergadura física dos naturais do Norte da China produziu um estilo de artes marciais – Shurei-te – onde os movimentos são



DESTAQUE





caracteriza por movimentos mais curtos e rápidos. – Naha-te.

«Em espaço aberto, talvez o primeiro estilo tenha vantagem. Mas se for dentro de um elevador, eu aposto de caras no segundo estilo» – explica José Achiam.

O Karatê tem cinco estilos oficiais, reconhecidos pela World Union Karatê Organization (WUKO): Goju-Ruy (onde se integra o Seigokan), Shito-Ruy, Wado-Ruy, Shotokan (de que faz parte o Obukan, também praticado em Macau) e Rengo-Kai.

Os dois primeiros estilos têm características da prática desenvolvida no Sul da China (Shurei-te). Os terceiro e quarto integram-se na escola do Norte, enquanto que o último é uma mistura dos dois estilos.

Ao nível mundial, a Associação de Karatê-do Seigokan de Macau é a representante oficial do Território na «World Union Karate Organization», que engloba todas os estilos de Karatê. A Associação é filiada também na «Asian Pacific Union Karatê Organization» e na «Seigokan World Goju-Ruy».

Sede para a Associação necessidade fundamental

Com cerca de 200 praticantes, a Associação de Karatê-do Seigokan de Macau tem como prioridade fundamental, neste

Seigo Tada, o mestre dos mestres

Fundador e impulsionador da variante do Karatê a que foi dado o seu nome, Seigo Tada – hoje com 69 anos de idade – treinou, na China, em 1937, com Ching Lou, mestre de artes marciais chinesas – o mesmo professor que treinou Chojun Miyagi, criador do Goju-Ruy, um dos cinco estilos básicos do Karatê.

Em 1943, de volta ao Japão, integra a academia de Karatê da Universidade de Ritsumeikan, onde treina sob a orientação do mesmo Chojun Miyagi. Após a Segunda Guerra Mundial, desenvolve a sua actividade na divulgação do Karatê-do Seigokan, primeiro no Japão, onde são criadas mais de 120 academias e clubes e, mais tarde, no estrangeiro.

A partir de 1964, foi um dos impulsionadores da organização e estruturação das várias associações e federações de Karatê, bem como da instituição dos primeiros torneios regulares, com a introdução de normas de combate e equipamento de protecção.

Esteve em Macau, pela primeira vez, em 14 de Dezembro de 1968, para presidir aos primeiros exames de graduação de atletas do Território – altura em que foi também oficializada a academia, como uma filial da SAJKA, com a designação de «Associação de Karatê-do Seigokan de Macau».

A sua actividade, nos últimos anos, levou a deslocar-se a mais de uma dúzia de países, incluindo Portugal, onde existem academias de Seigokan.

José Achiam: do Jiu-Jitsu ao Karatê

Começou a aprender Jiu-Jitsu aos oito anos, com o pai como instrutor. Joaquim Achiam, que reside actualmente no Canadá, era Chefe da Polícia de Macau, por alturas da Segunda Guerra Mundial. Com parte da China e Hong Kong ocupadas pelo exército do Japão, Macau era visitado com frequência por oficiais japoneses. Foi com

um coronel dessas forças que o pai de José Achiam aprendeu Jiu-Jitsu.

Depois de praticar, entre outros desportos, judo, artes marciais chinesas, hóquei em campo e esgrima, José Achiam «descobre» o Seigokan. Em Hong Kong, para onde tinha ido aos 18 anos, começa a treinar com Yukiaki Yoki, discípulo do fundador deste estilo, o mestre Seigo Tada. Em nove meses chega a cinturão negro.

Ainda em Hong Kong, onde desenvolvia a sua actividade profissional ligada ao sector bancário e financeiro, chegou a treinar os corpos especiais das forças da ordem daquele Território, nomeadamente a Task Force e o Special Branch.

Até aos 27 anos, participou com regularidade em competições internacionais e conquistou sete títulos de campeão mundial individual. Depois, abandonou a competição. Hoje, com 47 anos e cinturão negro do 5º «dan», para além dos treinos necessários à manutenção da forma física,



dedica-se basicamente a ensinar os jovens.

«Em períodos normais, treinamos entre duas horas e meia a três horas por dia, três vezes por semana. Nas semanas que antecedem os campeonatos, aceleramos mais o ritmo, chegando a treinar todos os dias.» – diz José Achiam – «Quando era mais novo, era um autêntico fanático.

Três horas de treino no «dojo» e depois, quando regressava a casa, ainda treinava mais duas horas, sózinho».

A satisfação pelos resultados alcançados, nos últimos anos, pelos seus «miúdos» é algo ensombreada pela escassa repercussão que a conquista dos títulos tem tido e pelas dificuldades financeiras, quase crónicas, com que se debate a Associação.

Neste aspecto, José Achiam é de opinião que outros critérios talvez devessem ser acrescentados, no processo de atribuição de subsídios às várias modalidades desportivas, a cargo do Instituto de Desportos de Macau:

«Para além da sua implantação, no Território, em termos de praticantes e do interesse manifestado pela população, julgamos que teria lógica levar em conta factores como as classificações obtidas em competições internacionais e títulos conquistados.»

DESTAQUE

momento, a aquisição de um local próprio para sede, com melhores condições para treinar.

O Pavilhão Desportivo de Mong Há, onde o núcleo principal de alunos treina,

não oferece as melhores condições para a prática do Karatê. Os maiores problemas são o calor excessivo que se faz sentir – «uma autêntica sauna», dizem responsáveis e atletas – e que por vezes até pro-



A primeira participação num campeonato mundial, em 1977, saldou-se pela conquista do quarto lugar. António Ngai, Lísbio Couto, João Sousa, António da Silva (de pé) Daniel Ferreira, João Madeira e Manuel Silvério (ajoelhados) foram os atletas que participaram nesta estreia de Macau no Campeonato Mundial de Karatê-do Seigokan.

voca desmaios. Por outro lado, o facto de várias modalidades serem praticadas na mesma área não permite a concentração necessária para a prática deste desporto.

«Os nossos esforços, este ano, vão

concentrar-se sobretudo na aquisição de uma sede, onde se possa dispôr de um espaço de convívio e de encontro para os atletas e antigos praticantes e de um «dojo» com melhores condições» – adian-

ta José Achiam – «O facto de não ter uma sede própria cria-nos dificuldade até ao nível do funcionamento da direcção da Associação. Por vezes, temos que fazer reuniões num café».

Resultados obtidos pela selecção de Macau no 46º Campeonato Mundial de Karatê-do Seigokan

Para além do troféu de Campeão Mundial «Overall» (todas as categorias, por equipas e classificações individuais), Macau conquistou ainda os seguintes títulos mundiais, por categorias: título individual na classe de Escolas Secundárias/Open-Mistos de cintos verdes, castanhos e pretos (Violeta Bosco); título individual na classe Open para adultos de cintos pretos (Ng Iat On); título por equipas, na classe de Escolas Secundárias/Open (13 a 15 anos) de cintos amarelos, verdes, castanhos e pretos; título geral por equipas na categoria de Escolas Secundárias («Junior High School»).

